

**REDACÇÃO PRINCIPAL**  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
 Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
**EDITOR — JOAQUIM CARDOSO**

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Cambro, 38-A, 2.º  
 Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talha-Lisbon • Telefone 5399 O.

Officinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 116

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## O analfabetismo

Diz-nos o último censo que vivem neste nosso risonho país 5.960.056 almas. Este número está por certo muito aquém da verdade, atenta a imperfeição de que os nossos serviços de estatística enfermam. Sejam porém oito milhões em vez dos seis que os números oficiais consignam, o certo é que a bemaventurança divina sempre prodigamente cobriu o bem-fadado país de Portugal, o que facilmente se comprova se atentarmos em que, dos 5.960.056 lusitanos, ignoram a arte da leitura 4.478.078. Para mostrar esta consoladora proporção em números mais acessíveis, esclareceremos que em cada 1.000 habitantes só 290 sabem ler, os restantes 710 estando mergulhados na mais profunda e beatífica ignorância. Esta percentagem é referente ao iletrismo global, quer dizer, estão nela considerados como analfabetos até os recém-nascidos. Mas se só tirarmos as percentagens do iletrismo entre os habitantes de idade superior a 10 ou 12 anos topamos também com números do estarecer.

A ignorância, na sua forma mais acentuada e deplorável, que é o analfabetismo, prepondera em todo o território português. No Minho, no Alentejo, no Algarve, no arquipélago da Madeira o iletrismo campeia, e ninguém pensa em pôr-lhe cobro a golpes de instrução.

Pelo contrário: o mal alastra e ganha força. Os números que acima reproduzimos respeitam à situação em que a monarquia nos deixou. E seria legítimo supor que, após quasi onze anos de Re-

pública, essa situação tristíssima, vergonhosa, houvesse sofrido modificações. Sofreu, de facto, mas para pior. Um jornal de informação diz então que nas escolas da capital a frequência ia decrescendo constantemente. Nas províncias mais se patenteia ainda esta desgraça. E, atenta o mesmo jornal, localidades há onde a população escolar média não vai além duma dúzia de alunos.

Este tom sido o trabalho da República, este é o diploma que a clara realidade dos factos passa ao novo regime.

Depois, as condições de vida da população tem vindo piorando sempre, de dia para dia, antes da guerra, durante a guerra e após a guerra. Sempre a miséria acompanhou a existência dos trabalhadores do Portugal, mas a miséria tem aumentado nos últimos tempos. Isso fez com que cada chefe de família descurasse o restringimento a educação dos seus filhos. A puerícia que deveria frequentar as escolas anda vergada ao trabalho, a consumir-se de fadigas para ganhar o sustento que em casa lhe não podem dar.

Depois, na mor parte dos pequenos povoados não há escola, ou por falta de sede ou por falta de professor. Os serviços de instrução nunca como hoje andaram desprezados. E quando, ali em S. Bento, um qualquer parlamentar, do pouco cabelo e nenhum miolo, fala no progresso do país, a gente sente desejos invencíveis de corré-lo a pontapés, para que duma vez acabem essas oiseuseiras ócas e hipócritas a procurar disfarçar a profunda decadência, a tristíssima degradação nacional.

## A GREVE DOS Trabalhadores dos jornais

### Aos tipógrafos da província

Não tendo ainda desistido do propósito de «magar» o movimento dos trabalhadores de jornais, as empresas jornalísticas, na impossibilidade de arranjar em Lisboa tipógrafos dispostos a tirar os seus colegas em greve, recorrem agora ao aliciamento de compositores do Porto, Coimbra e outras terras, fazendo-lhes vantajosas promessas, que não pensam em cumprir.

Acham as empresas que os compositores dos outros pontos do país são menos dignos que os seus camaradas de Lisboa e, assim, apelam para eles, a fim de conseguirem derrotar-nos.

Repugna-nos acreditar que algum tipógrafo se preste conscientemente a um acto traiçoeiro e, mesmo por isso, não será mau ficar aqui esta prevenção: A greve dos jornais de Lisboa aliada se mantém e manterá até que as empresas negociem com os trabalhadores de jornais em greve.

E, quando o conflito tiver a devida solução, os poucos elementos afectos que se encontram nos lugares que lhes pertencem serão escorraçados como canchais que são.

### Declaração

Tendo tido enviado do *Século*, de nome Sousa, ido a Aldega, e procura «do-me a solicitar o meu concurso para a manufatura daquele jornal, alegando que se não tratava de prejudicar as classes gráficas, mas sim somente de auxiliar a publicação de jornais que um qualquer *true tie* impediu de circular, cumpre-me declarar que a minha vinda a Lisboa unicamente derivou dessas declarações, e que depois disso serão falsas. De facto, tendo chegado a esta cidade e procurando informar-me, junto de vários elementos gráficos, sobre a situação do conflito há tempo suscitado entre as empresas jornalísticas e os trabalhadores de jornais, averigui que tal conflito se mantinha. Esta a razão por que não pretendo ir ao *Século* nem a qualquer outro jornal das empresas o concurso que me foi solicitado e não teria sequer prometido se mais clara e honestamente me houvessem exposto a questão.

Lisboa, 13 de Março de 1921.

### CONFERENCIAS

**Universidade Popular Portuguesa**  
 Na sede desta instituição realizou-se hoje pelas 21 horas mais uma conferência proferida por Sr. Câmara Reis, que tratou de *Gil Vicente*. A entrada é pública.

### A decantada insurreição

#### O que diz a «Rádio»

LONDRES, 13.—Cronstadt ainda se mantém contra as forças bolchevistas. A fortaleza bombardeou a linha férrea ao sul do golfo da Finlândia.—*Rádio*.

### A ARTE E OS ARTISTAS

## UMA ESCOLA MODERNA

*Pela sinceridade contra a ficção! — Pela arte livre exercida por homens livres!*

Tivemos há poucos dias ocasião de dizer que estávamos fartos de ver sempre os mesmos pinheiros, o mesmo quebrar de ondas contra rochedos negros ou a mesma estrada poeirenta, pintados pelas mesmas mãos e pelos mesmos artistas. Esta monotonia é um suplício para quem anseia pelo mais belo.

Os nossos pintores chegam ao exagero de pintar sempre os mesmos modelos. Não há originalidade, nem sinceridade, nem espontaneidade. Pinta-se por se ver pintar os outros e não porque o temperamento da maioria dos nossos pintores necessita servir-se da pintura para fixar um sentimento, uma ideia, uma qualquer impressão que a Natureza lhe cause. A pintura é uma confusão de tintas inexpressivas, aplicadas de conformidade com fórmulas feitas. Pinta-se por figurino, como se podessem fazer fatos ou chapéus à moda. A pintura deixou de ser arte—a livre interpretação da Natureza—para se tornar num simples ofício, que se aprende na Escola de Belas Artes, como nas fábricas e oficinas se aprende, segundo regras estabelecidas, a plainar madeira ou a enrolar cigarros.

Este aborrecimento que nos causam as leis, as regras que em vez de empregar vigor e audácia aos homens, os atrofia moralmente, transformando-os em simples fantoches obedientes à mão que os guia, levou-nos ontem a procurar, na contemplação de arte feita por crianças, aquela sinceridade, intenção, frescura e graça, que anos sucessivos de correções de mestres, de regras rígidas a que é preciso obedecer, apagaram nos homens.

Dirigimo-nos à Praça Luís de Camões, à escola do sr. J. Cabral de Lacerda.

Por felicidade encontramos o sr. Lacerda, espírito franco, inteligência clara, vontade firme, com quem sabe bem conversar.

Levou-nos imediatamente à presença dos trabalhos de Vasco Martins, o aluno mais novo da escola. Mostrou-nos o sr. Cabral de Lacerda um trabalho ingenuo do pequeno Vasco (9 ou 10 anos apenas). Representava uns garotos subindo a uma árvore, desenhados com linhas e aguçadas de realidade. Os trabalhos de outro pequeno, João Rafael Morais, mais velho já, deixaram-nos encantados. Eram uma *pochede* representando uma marinha e umas aquarelas de uma frescura extraordinária. As aquarelas, principalmente, iludem o desprevenido. Há uma intenção na pincelada, uma intensidade de cor e correção de desenho, raras em adultos que recebem elogios baratos nas colunas dos jornais servis.

Quizemos saber como conseguia o sr. Lacerda tanto animadores resultados. Não exerce coacção de espécie alguma sobre os seus alunos. Estes procuram transmitir ao papel a impressão que o modelo lhes dá, sem que para isso se sirvam de regras pré-estabelecidas. Respeito tanto quanto possível a individualidade do aluno; é por isso que em cada trabalho nos podemos ver o temperamento de quem o executou. Há aqui duas irmãs, adultas por exemplo, Isabel Marques e Elisabeth Marques, de temperamentos absolutamente diferentes. Uma deixa-se dominar mais pelos sentidos, os seus trabalhos de imaginação são prometedores, nunca copia cegamente o modelo; não imita, sente e transmite o que sente; a outra, escrava do modelo, tem muita mais dificuldade em inventar. Tanto como outra tem apenas um ano de estudo.

—E quantas lições por semana? —preguntámos.  
 —Duas sómente.  
 Examinámos os trabalhos e de facto Elisabeth Marques é uma sensível. O

do sr. Lacerda, em plena Natureza para que ele fixe o que ela tem de incompreensível ou sugestivo. Foi na contemplação da Natureza que se criaram obras maravilhosas.

—E onde desejaria estabelecer a sua escola?

—Longe, longe da cidade, em pleno campo para que se estivesse em contacto directo com a Natureza. *Notre siècle a la de trop pour être beau*, diz Oscar Wilde e é uma verdade. Precisamos simplificar a nossa pedagogia e a nossa arte. É necessário colocar o homem em plena Natureza para que ele fixe o que ela tem de incompreensível ou sugestivo. Foi na contemplação da Natureza que se criaram obras maravilhosas.

—E onde desejaria estabelecer a sua escola?

—Longe, longe da cidade, em pleno campo para que se estivesse em contacto directo com a Natureza. *Notre siècle a la de trop pour être beau*, diz Oscar Wilde e é uma verdade. Precisamos simplificar a nossa pedagogia e a nossa arte. É necessário colocar o homem em plena Natureza para que ele fixe o que ela tem de incompreensível ou sugestivo. Foi na contemplação da Natureza que se criaram obras maravilhosas.

—E onde desejaria estabelecer a sua escola?

—Longe, longe da cidade, em pleno campo para que se estivesse em contacto directo com a Natureza. *Notre siècle a la de trop pour être beau*, diz Oscar Wilde e é uma verdade. Precisamos simplificar a nossa pedagogia e a nossa arte. É necessário colocar o homem em plena Natureza para que ele fixe o que ela tem de incompreensível ou sugestivo. Foi na contemplação da Natureza que se criaram obras maravilhosas.

—E onde desejaria estabelecer a sua escola?

—Longe, longe da cidade, em pleno campo para que se estivesse em contacto directo com a Natureza. *Notre siècle a la de trop pour être beau*, diz Oscar Wilde e é uma verdade. Precisamos simplificar a nossa pedagogia e a nossa arte. É necessário colocar o homem em plena Natureza para que ele fixe o que ela tem de incompreensível ou sugestivo. Foi na contemplação da Natureza que se criaram obras maravilhosas.

—E onde desejaria estabelecer a sua escola?

—Longe, longe da cidade, em pleno campo para que se estivesse em contacto directo com a Natureza. *Notre siècle a la de trop pour être beau*, diz Oscar Wilde e é uma verdade. Precisamos simplificar a nossa pedagogia e a nossa arte. É necessário colocar o homem em plena Natureza para que ele fixe o que ela tem de incompreensível ou sugestivo. Foi na contemplação da Natureza que se criaram obras maravilhosas.

—E onde desejaria estabelecer a sua escola?

—Longe, longe da cidade, em pleno campo para que se estivesse em contacto directo com a Natureza. *Notre siècle a la de trop pour être beau*, diz Oscar Wilde e é uma verdade. Precisamos simplificar a nossa pedagogia e a nossa arte. É necessário colocar o homem em plena Natureza para que ele fixe o que ela tem de incompreensível ou sugestivo. Foi na contemplação da Natureza que se criaram obras maravilhosas.

—E onde desejaria estabelecer a sua escola?

—Longe, longe da cidade, em pleno campo para que se estivesse em contacto directo com a Natureza. *Notre siècle a la de trop pour être beau*, diz Oscar Wilde e é uma verdade. Precisamos simplificar a nossa pedagogia e a nossa arte. É necessário colocar o homem em plena Natureza para que ele fixe o que ela tem de incompreensível ou sugestivo. Foi na contemplação da Natureza que se criaram obras maravilhosas.

## A MORTE DE DATO

### Resultado das investigações policiais

MADRID, 13.—A descoberta do side-car dos assassinos de Dato causou verdadeira satisfação. Num café dos quatro caminhos encontrava-se um operário que vive nos subúrbios de Madrid e que comentando o assassinato diz que, na mesma noite do atentado, próximo da sua casa um side-car ocupado por três indivíduos e fardos apagados esteve a ponto de atropelá-lo, facto que o acompanhante de estudo, revela grandes qualidades de retratista; e Graça Leão, com o seu *Trecho de Sintra* e Maria Flores com a *Quinta das Palmeiras*, possuem vocação extraordinária para a paisagem.

Notámos que os alunos são, geralmente, pouco persistentes. Os mais antigos tinham apenas um ano de ensino. Ora um ano é muito pouco para se aprender a pintar, embora seja o suficiente para se fazerem verdadeiras revelações que nos deem esperança.

O sr. Cabral de Lacerda explicou-nos mais ou menos o seu ideal em pedagogia artística. Aquela escola será talvez uma experiência. Porém, o sr. Lacerda, que há nove anos luta, obscuramente, contra os atrições dum meio deseducado, pretende mais. Ele deseja fundar uma escola absolutamente racional, onde se podessem desenvolver livremente, sem peias, sem preconceitos que em vez de adiantar atrofiem moralmente os indivíduos—as artes da cor e do som. Considera-as essencialmente criadoras.

—Porque motivo deseja reunir a arte do som à pintura?—preguntámos cheios de curiosidade.  
 —Porque há grande analogia entre estas duas formas de arte e a reunião das duas, como já tive ocasião de lembrar às estâncias superiores seria continuar o que se faz modernamente na organização das escolas. Antigamente, na Escola de Belas Artes, as especialidades estavam dispersas e agora aprendem-se reunidas.

—E onde desejaria estabelecer a sua escola?

—Longe, longe da cidade, em pleno campo para que se estivesse em contacto directo com a Natureza. *Notre siècle a la de trop pour être beau*, diz Oscar Wilde e é uma verdade. Precisamos simplificar a nossa pedagogia e a nossa arte. É necessário colocar o homem em plena Natureza para que ele fixe o que ela tem de incompreensível ou sugestivo. Foi na contemplação da Natureza que se criaram obras maravilhosas.

Na rua Artur Soria apresentaram-se às duas horas três indivíduos, um gordo baixo, de acento catalão e ia acompanhado por uma senhora que parecia estar no seu estado interessante. Um deles disse que desejava alugar uma casa para uma senhora guardar os móveis, falavam com o dono do prédio no domingo de manhã, voltaram para assinar o arrendamento e receber as chaves na terça-feira. Parece que foram eles quem realizaram o atentado, e asseguramos que a polícia não tardará em tê-los em seu poder.

A guarda civil recebeu informações de que na calle de Alcalá 142 tinham estado hospedados o catalão que se fazia acompanhar pela citada mulher em estado interessante quando pretendia alugar a casa na calle de Artur Soria, e que desappareceram na noite do atentado. O catalão parece chamar-se Leopoldo Nobre.—*Rádio*.

Antecedentes do atentado  
 MADRID, 13.—A quatro meses, quando Dato saía da presidência do ministério apareceu um homem apontando-lhe uma pistola. Um guarda civil estava de serviço. Lançou-se rapidamente sobre o agressor, desarmando-o. Dato sem dar grande importância ao facto mandou guardar o agressor no depósito, tendo sido o agressor castigado com quinze dias de prisão. No dia seguinte Dato chamou à sua presença o guarda civil expressando-lhe a sua gratidão e perguntando-lhe em que lhe podia ser útil. O guarda pediu-lhe emprego para sua pai que imediatamente foi colocado no ministério da marinha. Este facto só agora entrou no conhecimento do público.—*Rádio*.

A ALEMANHA  
 continua a dizer que não pode pagar

BERLIM, 13.—No Reichstag, perante numerosa assistência e com as galerias cheias de gente, o dr. Simons expôs os resultados da sua missão a Londres.

Diz-se que a Alemanha não poderia oferecer contra-propostas enquanto o estado da sua economia fosse tam duvidoso e enquanto as questões da Alta Silesia, da região do Reno e do distrito de Sarre não estivessem resolvidas. Acrescentou que a questão dos câmbios causa todos os dias novas surpresas. A produção alemã é menor do que aquela que seria necessária para poder fazer frente às propostas dos aliados.

A Alemanha tencionava fazer um empréstimo para satisfazer os compromissos e ajudar a França a reconstruir as regiões devastadas.

Simons negou que tivesse tido negociações confidenciais com os países aliados em Londres, na pessoa dos seus delegados.—*Rádio*.

Um industrial corticeiro  
 pretende baixar os salários

FARO, 10.—C.—A classe corticeira, reunida em assembleia geral no dia 8, aprouve minuciosamente as precárias circunstâncias em que se encontram os trabalhadores desta indústria e a forma infame e estúpida como o industrial Francisco Viegas Louro, com fábrica de cortiça na cidade, pretende roubar o sustento dos seus operários, reduzindo-lhes os salários, deliberando estes, em face de tam insolente e injusto proceder, abandonar o trabalho definitivamente e pedir a todos os camaradas corticeiros do país que não aceitem trabalho de tal indivíduo, como recompensa do seu acto deveras rapinante e vexatório para uma classe laboriosa.

Como é que este agiota, que vive e enriquece à custa do sacrifício das suas vítimas, pretende diminuir-lhes os seus salários, que auferem, quando é certo que a carestia das coisas permanece no mesmo ponto e, tanto por aí, como o escandaloso aumento que se vem fazendo na renda das casas?

Bom será que este indivíduo encare

bem as coisas e não venha com actos indignos contra aqueles que vivem, única e simplesmente, do usufruto do seu trabalho honrado.

Aos camaradas corticeiros do país daqui bradamos bem alto, como dever de solidariedade para com os camaradas da casa Viegas Louro, que tam nobremente procederam, que sempre o mesmo processo não acaia sobre o trabalho de criatura tam baixa e sugadora da alimentação dos que trabalham.

As comunicações com Vassili Ostrof não foram interrompidas. O publico circula livremente pela ponte.

As fábricas de Petrogrado já tem combustível  
 Em 23 de Fevereiro, o trabalho foi retomado em todas as fábricas de Petrogrado, que estiveram fechadas provisoriamente por falta de combustível. Presentemente estas fábricas trabalham com normalidade, graças às remessas de carvão de madeira. Durante a semana que vai de 16 a 23 de Fevereiro, chegaram a Petrogrado 2404 vagons com madeira e 4214 vagons com carvão.

N. R.—Depreende-se das notícias acima que a Rússia Soviética atravessa actualmente uma crise de alimentação e de combustivel.

Os socialistas reformistas e mencheviques, tentam explorar esta situação para fomentar motins entre os operários. Mas, ao que parece, o proletariado mantém-se firme não deixando arrastar pelas palavras dos contra-revolucionários. Estes apenas obtiveram algum sucesso entre alguns grupos de marinheiros no posto de Construt.

## NA RUSSIA VERMELHA

## Restabelecendo a verdade

(DA ROSTA WIEN)

Eis o que se passou em Moscúvia!

O *Solos Rossij* escreve o seguinte:

«Ainda as novidades sensacionais acerca de motins em Moscúvia! E ainda os partidários da intervenção aproveitam a ocasião para arrastar a Europa a uma campanha contra a Rússia soviética.

Mas ainda desta vez se fez muito barulho para nada. O caso explicou-se rapidamente. A missão letã em Moscúvia, cujas relações com o governo sovieta se haviam azedado nestes últimos tempos, aproveitou-se do privilégio que lhe tinham concedido de poder servir-se da estação rádio-telegráfica de Moscúvia, para espalhar notícias sensacionais acerca da Rússia soviética. O procedimento da missão letã foi duramente verberado pelo governo letão, que declarou abertamente a sua desaprovação. Os senhores intervencionistas bem podem guardar os seus planos de guerra, que de nada servem. A Rússia, em face do inimigo exterior, está unida e forte, porque não é o estrangeiro, mas sim ela somente quem decidirá o seu futuro.

O que diz um jornal de Riga

A *Rigaer Rundschau* confirma que a missão letã em Moscúvia já por várias vezes espalhou notícias tendenciosas acerca de supostas revoltas na Rússia. O ministério de negócios estrangeiros letão publica um comunicado declarando ser absolutamente estranho à invenção dessas notícias falsas.

O «Matin» noticia as revoltas antes de tempo...

Há cerca de três semanas *Le Matin* publicava um telegrama de Helsingfors, do seguinte teor:

«Em seguida aos motins de Cronstadt o governo bolchevista cortou todas as comunicações entre Petrogrado e Cronstadt. Proibiu os soldados e marinheiros da guarnição de Cronstadt de entrar em Petrogrado.»

O comissariado dos negócios estrangeiros desmentiu esta notícia. Ora parece que a imprensa capitalista francesa, e em particular *Le Matin*, estava melhor informada dos planos contra-revolucionários a soldo dos imperialistas franceses, porquanto pouco depois do desmentido do comissariado dos negócios estrangeiros, se declarou, de facto, um motim a bordo do navio de guerra *Petrovavlovsk*. O inquérito feito apurou que o movimento contra-revolucionário foi dirigido pelo velho general Kozlovski, e por agentes socialistas a soldo de Paris. O general Kozlovski deve esperar a mesma sorte que Kolchak. Está-se empreendendo uma forte campanha contra os agentes da Entente que, aproveitando-se das dificuldades alimentares, querem provocar revoltas entre a população.

Uma revolução dos marinheiros de Petrogrado

Os marinheiros de Petrogrado reunidos em conferência, depois de terem ouvido Zinovief e Kalenine, resolveram por unanimidade o seguinte: «Só os esforços comuns de todos os operários poderão por fim à crise actual de alimentação e de transportes. Os marinheiros e soldados vermelhos velarão pela disciplina revolucionária do país.»

Mais dados elucidativos

Todas as notícias expedidas de Reval e de Helsingfors, acerca de supostas revoltas e batalhas sangrentas nas ruas de Petrogrado são inventadas em todos os seus detalhes contraditórios. Reina completo sossego na cidade. Realizaram-se reuniões operárias onde foi discutida a questão alimentar. As resoluções adoptadas testemunham a solidariedade dos operários para com o governo sovieta. Alguns estrangeiros reclamaram a convocação da constituinte, mas esta proposta foi rejeitada pelos operários. O conselho comunista das oficinas de Putilov continua a exercer as suas funções. Nem um único regimento foi desarmado.

As comunicações com Vassili Ostrof não foram interrompidas. O publico circula livremente pela ponte.

As fábricas de Petrogrado já tem combustível

Em 23 de Fevereiro, o trabalho foi retomado em todas as fábricas de Petrogrado, que estiveram fechadas provisoriamente por falta de combustível. Presentemente estas fábricas trabalham com normalidade, graças às remessas de carvão de madeira. Durante a semana que vai de 16 a 23 de Fevereiro, chegaram a Petrogrado 2404 vagons com madeira e 4214 vagons com carvão.

N. R.—Depreende-se das notícias acima que a Rússia Soviética atravessa actualmente uma crise de alimentação e de combustivel.

Os socialistas reformistas e mencheviques, tentam explorar esta situação para fomentar motins entre os operários. Mas, ao que parece, o proletariado mantém-se firme não deixando arrastar pelas palavras dos contra-revolucionários. Estes apenas obtiveram algum sucesso entre alguns grupos de marinheiros no posto de Construt.

## Palavras de Anatole France

O que disse ao correspondente especial do «Daily Herald» o grande literato e pensador francês

Publicou recentemente o jornal *Daily Herald*, órgão do partido trabalhista inglês, uma interessante entrevista do seu correspondente especial, George Slocombe, com Anatole France, na qual este se exprimiu da maneira que segue:

«Ei-mo muito velho, e afastado de muitas coisas, mas cá do meu retiro vou observando o mundo, e vejo-o muito escuro. O capitalismo saiu da guerra mais forte do que dantes. O militarismo desenvolveu-se, em vez de ser aniquilado. As massas populares da França são agora as mais militaristas do mundo. A guerra e o espírito guerreiro estão-lhe nas veias e vê-se o devastador resultado da política estrangeira dos nossos governantes, nas missões militares e alianças, na actividade secreta dos nossos agentes no estrangeiro, no encorajamento dos povos belicose e aliados.

«Parece-me que a actual falta de trabalho e crises financeiras são mais artificiais do que naturais; que não são mais do que uma manobra do Capitalismo para se tornar mais forte, abater e aniquilar os seus inimigos, e mais apertar as cadeias que manietam os trabalhadores. A falta de trabalho, e todos o podem observar, não fere o rico, que vive com as maiores facilidades à custa dos enormes lucros obtidos durante a guerra. Mas é um aguilhão afiado empregado contra o operário, para o trituração, para o levar pelo desespero a uma revolta prematura, cujos planos de combate e destruição já estão de antemão preparados.

«O velho partido socialista francês foi morto pela guerra, e o Congresso de Tours simplesmente o enterrou. Tenho pena de Leon Blum, de Longuet e dos meus outros amigos da «Ala Direita Dissidente», que continuam a lutar gaillardamente mas sem esperança pela independência, mas que serão na Câmara absorvidos inevitavelmente pelos socialistas republicanos no «Bloc des Gauches».

«As perseguições presentes dos comunistas não significam para mim uma séria campanha do governo contra os ele-

mentos revolucionários do país. São usados provavelmente para satisfazer a «Direita» da Câmara, sem cujo auxílio se acharia em situação precária a maioria governamental. A batalha verdadeira virá mais tarde.

«Apesar do novo partido comunista francês não ser definitivamente antiparlamentar, considerando útil a acção parlamentar dentro de certos limites, eu abalanço-me a dizer que a acção parlamentar na França chegou ao seu termo, dando o lugar à acção revolucionária. Sempre fui de opinião que o parlamentarismo corrompia e enfraquecia a acção socialista, e durante a vida de Jaurès, que foi talvez o maior dos socialistas parlamentares, tive muitas discussões com ele a este respeito. Quando eu lhe perguntava como combateriam os deputados socialistas certa medida do governo, ele respondia-me: «Voteamos contra», e invaiavelmente retorquia-lhe: «Mas apesar disso ela será aprovada, e então de que servirá o vosso voto?» Outras vezes dizia-lhe que o voto dos socialistas só serviria para tirar a maioria a um governo capitalista, mas dando-a a outro.

«Somos hoje governados pelas inumeráveis hostes daqueles que se enriqueceram à custa da guerra. Os militaristas e os reaccionários tornam-se cada vez mais arrogantes e mais insensatos no seu militarismo e na sua reacção, até que um dia sintam na boca o gosto amargo dos frutos da sua vitória.

«Os frutos da revolução russa poderão ser colhidos na minha opinião; só depois que ocorra a revolução mundial; no entanto foi aquela que começou a era socialista no mundo.»

### NA RUSSIA

#### A sublevação esmagada

LONDRES, 13.—Telegraph de Varsóvia dizendo que as notícias aqui recebidas parecem indicar que a sublevação de Petrogrado está prestes a ser reprimida, porém não sucede o mesmo na Rússia Branca, Ucrania e Rússia central, onde parece que as forças rebeldes aumentam dia a dia.—*Rádio*.

#### Tribunal de Arbitros Guineiros

A direcção da Associação de Classe dos Caixeiros de Lisboa, tendo conferenciado com o sr. ministro do trabalho sobre assuntos que interessam à classe que representa, decidiu pela nomeação do presidente do tribunal de Arbitros Avindores.

O ministro elucidou que não tem descurado o assunto e que brevemente fará a nomeação.



